



# Parceiros das Missões

Brasília - Junho 2013 -ano II -N° 14

## Camarões: desafios culturais dificultam ação missionária

O trabalho missionário na África tem sido penoso, pois, em alguns países, como Camarões (foto abaixo) as tradições culturais, como o culto aos espíritos, a poligamia, o sacrifício de animais e as longas distâncias dificultam a evangelização.

(pág. 5)



## Brasil comemora os 170 anos da criação da IAM



Na maioria das paróquias do Brasil, no domingo 26 de maio, foram comemorados os 170 anos da IAM ( Infância e Adolescência Missionária)

(pág. 2)

### Prá começo de conversa

Nesta edição, temos sete testemunhos de missionários brasileiros no exterior. São sete histórias verídicas, oriundas da China, Angola, Moçambique, República Dominicana, Islândia, Haiti e Camarões. Em cada uma, destaca-se o estafante trabalho de longas jornadas, a paciência em compreender as frustrações e insucessos e a alegria de ver o Reino de Deus crescendo, apesar das limitações. O mandato de Cristo está mais vivo do que nunca. As palavras do Papa Francisco, (pág.3) nosso líder espiritual, confirmam a ternura que ele sente, pois, “ os missionários são particularmente queridos porque ajudam a manter sempre viva a atividade de evangelização, paradigma de toda obra da Igreja”.

Oxalá estes exemplos de dedicação e doação avivem os corações de milhares de religiosos, religiosas e leigos na construção do Reino.

O editor

### NESTA EDIÇÃO

- Em Macau, China, missionário reza missa às escondidas (pág.7)
- Islândia: clima prejudica trabalho pastoral (pág.4)
- Haiti: atividades para amenizar a pobreza (pág.6)
- República Dominicana: CEBS para evangelizar (pág.10)
- Angola: Lixeira virou bairro pobre( pág.8)
- Macapá envia leiga para Moçambique (pág. 8)

# 170 anos da IAM foi celebrado no país

O início da comemoração dos 170 anos da criação da IAM foi motivo de celebração na maioria das dioceses brasileiras.



No domingo, dia 26 de maio, a IAM de todo o Brasil realizou a sua 1ª Jornada Nacional. Em Umuarama, cerca de 1.500 crianças e adolescentes da Província Eclesiástica de Maringá participaram da Jornada que teve três momentos significativos: a consagração das crianças com recebimento dos lenços e escudos da IAM, a entrega dos cofrinhos com as ofertas e a coroação de Nossa Senhora.

“Estou muito emocionado por ter participado da 1ª Jornada da IAM numa diocese que abraçou muito bem a causa. Foi muito gratificante sentir o envolvimento de crianças e adolescentes em nossa Obra. Tudo isso se deu devido ao empenho do casal coordenador diocesano João e Leodina, juntamente com sua equipe, na preparação em toda a diocese de Umuarama” - observa Pe. André Negreiros, secretário da IAM no Brasil.

Em Brasília, foi em Taguatinga, onde Pe. Jomelito Melo, responsável pela IAM, celebrou missa para 360 crianças e depois foi rezado o reço e cantado o feliz aniversário com bolo.

Campina Grande, na Paraíba, viveu este momento com uma celebração na Catedral Nossa Senhora da Conceição. Participaram representações de grupos da IAM e seus assessores das paróquias Santíssimo Sacramento, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (Bodocongó), Nossa Senhora do Carmo (Puxinanã), Nossa Senhora da Conceição (Pocinhos),



Em Umuarama , a coroação de Nossa Senhora

Imaculado Coração de Maria e Sagrado Coração de Jesus, São Cristóvão e Santa Rosa de Lima.

Na Arquidiocese de Mariana, muitas paróquias tiveram a alegria de celebrarem com as crianças e adolescentes este momento especial em suas vidas. Depois de um ano de caminhada no grupo, as crianças e os adolescentes foram convidados a se consagrarem a Deus como membros da IAM, opção que cada um define com muita liberdade, garante a coordenadora da IAM na arquidiocese, Ir. Silvana Gomes do Vale.



Até bolo de aniversário teve em Brasília

## FILIPINAS

Caríssimo Editor.

Obrigada pelo jornal Parceiros das Missões do mês de abril... Trouxe muitas alegrias nesta terra distante... Fico feliz em saber que muitos outros missionários estão aí na frente das missões... Que eu não estou sozinha aqui nas Filipinas... Gostaria de mandar algumas fotos mas pelo momento não é possível. Que Deus vos abençoe!

Ir. Lazara, mc

## BRASIL

Sr. Editor, gostei muito do jornal Parceiros das Missões, de abril 2013. Legal! Vocês são realmente parceiros das missões. Deus os abençoe e ilumine sua Missão de apoio aos missionários. O Papa Francisco há de gostar do jornal Parceiros das Missões!...

Obrigada por ter-me incluído. Não pude ir ao Haiti pela CRB. Continuo na Bahia e Ir. Odila foi para Marituba, no Pará. Até... Recordo com saudades o nosso curso e colegas em missões. Aquele ambiente de quem quer se aproximar de quem está longe.

Abraço Ir. Lydia Cadore



Parceiros  
das  
Missões

Jornal Digital das Pontifícias Obras Missionárias do Brasil  
Brasília - Junho 2013 - Ano II - N° 14

Diretor: Pe. Camilo Pauletti

Edição e arte : Jorn. Camilo Simon ( Reg. Prof. n. 3248)SGAN 905  
70790-050 Brasília - DF - Fone 3340.4494

E-mail: [parceirosdasmissoes@pom.org.br](mailto:parceirosdasmissoes@pom.org.br)

## Papa Francisco: vós sois muito queridos

**Ao receber os diretores nacionais das Pontifícias Obras Missionárias, no dia 17 de maio, o papa manifestou sua alegria pelo trabalho realizado e num gesto de ternura afirmou que “vós sois particularmente queridos porque ajudais manter viva a evangelização”. Presente, o Pe. Camilo Pauletti, diretor das POM Brasil. Eis alguns trechos do discurso do papa:**

### Vós sois queridos

“Gostaria de dizer-vos que vós sois particularmente queridos porque ajudais a manter sempre viva a atividade de evangelização, paradigma de toda obra da Igreja. A missionariedade é paradigma de toda obra da Igreja; é uma atitude paradigmática. Com efeito, o Bispo de Roma é chamado a ser Pastor não somente da sua Igreja particular, mas também de todas as Igrejas, para que o Evangelho seja anunciado até os extremos confins da terra. E nesta missão, as Pontifícias Obras Missionárias são um instrumento privilegiado nas mãos do Papa, o qual é princípio e sinal da unidade e da universalidade da Igreja. Chamam-se, de fato, “Pontifícias” porque estão à disposição direta do Bispo de Roma, com a finalidade específica de agir para que seja oferecido a todos o dom precioso do Evangelho. Estas são plenamente atuais, ou melhor, necessárias ainda hoje, porque existem tantos povos que ainda não conheceram e encontraram Cristo, e é urgente encontrar novas formas e novas vias para que a graça de Deus possa tocar o coração de todo homem e de toda mulher e levá-los a Ele. Nós todos somos seus simples, mas importantes instrumentos; recebemos o dom da fé não para mantê-la escondida, mas para difundí-la, para que possa iluminar o caminho de tantos irmãos.

### Uma missão difícil

Certamente, é uma missão difícil esta que nos aguarda, mas, sob a condução do Espírito Santo, se torna uma missão entusiasmante. Todos experimentamos a nossa pobreza, a nossa fraqueza em levar ao mundo o tesouro precioso do Evangelho, mas devemos continuamente repetir as palavras de São Paulo: «Trazemos este tesouro em vasos de argila, para que esse incomparável poder seja de Deus e não de nós» (2Cor 4,7). É isto que nos deve sempre dar coragem: saber que a força da evangelização vem de Deus, pertence a Ele. Nós somos chamados a nos abrir sempre mais à ação do Espírito Santo, a oferecer toda a nossa disponibilidade para ser instrumentos da misericórdia de Deus, da sua ternura, do seu amor por cada homem e por cada mulher, sobretudo pelos mais pobres, pelos excluídos e pelos distantes. E esta, para cada cristão, para toda a Igreja, não é uma missão facultativa, mas essencial.

### Função das POM: animar as Igrejas

A vós, caros Diretores Nacionais, repito o con-



Pe. Camilo saudando o papa

vite que Paulo VI vos dirigiu, quase cinquenta anos atrás, de custodiar de modo enciumado o trabalho universal das Obras Missionárias, «que têm a honra, a responsabilidade e o dever de sustentar a missão (de anunciar o Evangelho), de distribuir as ajudas necessárias» (Discurso às Pontifícias Obras Missionárias, 14 de maio de 1965: AAS 57 1965, 520).

Não vos cansais de educar cada cristão, desde a infância, a um espírito realmente universal e missionário, e de sensibilizar toda a comunidade a amparar e a ajudar as missões segundo a necessidade de cada uma (cfr Conc. Ecum. Vat. II, Decr. Ad Gentes, 38). Fazei de modo que as Pontifícias Obras Missionárias continuem, no sulco de sua tradição secular, a animar e a formar as Igrejas, abrindo-as a uma dimensão ampla da missão evangelizadora. Mas devem realmente se tornar instrumento privilegiado para a educação ao espírito missionário universal e a uma sempre maior comunhão e colaboração entre as Igrejas para o anúncio do Evangelho ao mundo. Diante da tentação das comunidades de se fecharem em si mesmas - é uma tentação mais frequente de fechar-se em si mesmas e - preocupadas com os próprios problemas, vossa tarefa é evocar a “missio ad gentes”, testemunhar profeticamente que a vida da Igreja e das Igrejas é missão, e é missão universal. Neste contexto, eu vos convido a ter uma atenção especial pelas jovens Igrejas, que não raramente atuam numa clima de dificuldade, de discriminação, inclusive de perseguição, para que sejam amparadas e auxiliadas em testemunhar com a palavra e com as obras o Evangelho.

Queridos irmãos e irmãs, ao renovar o meu agradecimento a todos, vos encorajo a continuar o vosso empenho para que as Igrejas locais sempre mais generosamente assumam sua parte de responsabilidade na missão universal da Igreja”.



## Islândia: um país rico e uma Igreja pobre

A vida na missão na Islândia é deveras difícil e interessante. Que o diga a Ir. Selestina, da Congregação das Carmelitas (DCJ). Natural da Bósnia, mas brasileira de coração e de alma, depois de trabalhar por 15 anos aqui no Brasil, aceitou o convite para atuar na distante e desconhecida Islândia, um dos países mais frios do mundo.

Diz ela: “Vim para a Islândia, em maio de 2001, a convite do agora emérito bispo Johannes Gijssen, holandês. O bispo atual é suíço, Peter Burcher. A sede da diocese é na capital, Reykjavík, no sudoeste do país, mas nós logo fomos para Akureyri, norte do país. Esta é a segunda cidade, na verdade vila, logo depois da capital, com o jardim botânico no extremo norte do mundo”.

### Católicos são minoria

A ilusão de chegar a um país rico, desmanchou-se em poucos dias: “Quando nós chegamos, o



Encontro com adolescentes

país tinha fama de rico, tudo bonitinho, organizado, pensado. Mas logo percebemos que o bonito é só por fora, falta um coração e falta uma verdadeira fé. Católicos são uma minoria insignificante, e fora da capital, quase todos são estrangeiros em busca das soluções básicas da sobrevivência. Portanto logo me deparei com o que expressei: nunca vi um país tão rico com uma Igreja tão pobre. A vida e o trabalho da Igreja depende quase inteiramente da ajuda, e a Igreja na Alemanha é a que mais colabora.

Nós viemos para nos incluir no trabalho pastoral, e a nossa Superiora Geral logo que viu a situação me disse: dou-lhe permissão de viajar e ficar nas casas das pessoas o quanto precisar, para atingir este povo. Assim nos meus primeiros nove anos, eu permanecia regularmente uma ou duas semanas por mês nas viagens aos lugares afastados, morando numa casa e indo a cada dia em mais dois ou três lugares, ou então, mudando de lugar, carregando mudança no carro e dormindo a cada dia em outra casa. A família me dava acomodação e alimentação.

Agora na Diocese tem uma paróquia e 3 capelas a mais, e este tipo de trabalho não precisa ser feito. Mas ainda é normal a andar por grandes

distâncias, e não é de se admirar, pois quando chego a meia noite em casa constato que andei, naquele dia, 558 km.

Há três anos e meio, vim para uma nova capela da paróquia mais jovem, e aqui é minha ocupação pastoral e manutenção do prédiozinho da igreja, ou seja nós temos uma casa bastante grande, onde o porão é sala de reuniões e catequese, no térreo é a capela e o andar de cima é o apartamento para nós irmãs (por ora, para mim) onde temos espaço suficiente para receber visitas e grupos de crianças e jovens. Fica do lado oriental do país, a 33 km da praia, onde está a capela paróquial. Este lugar (Egilsstadir) é um dos mais interiores, e na Islândia isto significa aguentar um clima mais “severo”. Os habitantes totalizam 3.434, dos quais 80 são católicos registrados. Mas a paróquia atende 12 lugares, e nós tentamos sempre atingir a todos os católicos dispersos nestes lugares.



Trabalho com jovens

A vida na missão é composta de alegrias e dificuldades. “A maior alegria é pensar no São Francisco...E uma dificuldade por exemplo ocorreu agora no 5º Domingo do Tempo da Páscoa: Tivemos grandes tempestades de neve, o padre não pode vir até aqui. Ficamos sem a celebração da Santa Missa. Costumo dizer: na África lutam com leões, nós com clima”.

### Madre Teresa de Calcutá influenciou

“Por que escolhi ser religiosa? Eu não sei. Desde a juventude de vida religiosa me animei por missões. Na Croácia tínhamos um jesuíta da Índia. Nos anos de minha juventude, no convento ele falava sobre as missões. Era uma novidade. Vivíamos na então Iugoslávia, e a Madre Teresa de Calcutá era albanesa de Skopje, que era a capital do estado iugoslavo de Macedônia. Nós a consideramos como “nossa” e ela falava um bom croata. Ela veio uma vez no convento, e impressionou-me. Acho que estes fatos serviram para jogar mais óleo na fogueira.

O meu sonho pessoal de missão foi a China. Entrei na Congregação que, então, não partia para missões, mas a Congregação abriu-se ao envio Ad Gentes. Sonhava-se com África - e - acabamos chegando ao Brasil. Daí para a Islândia”.

## Camarões onde tudo está para ser feito

**Sacerdote da Ordem dos Agostinianos Descalços, o paranaense Frei Renato Jess partiu do Brasil rumo aos Camarões, em 2007, como Missionário na Diocese de Bamenda, cerca 400 km da Capital. Logo o bispo o nomeou vigário da Paróquia São José, na tribo de Bafut. A paróquia é composta de pouco mais de 20 vilarejos, dentre eles somente quatro possuem eletricidade e nenhum desses possui água encanada.**

Esté é o cenário que encontrou Frei Renato na sua missão. “Junto ao povo Bafut estamos fazendo praticamente a primeira evangelização. Cerca de 90 anos atrás, eles entraram em contato, pela primeira vez, com “homem branco”. Devido a isso ainda é predominante a cultura original. Uma prática é o sacrifício de animais aos espíritos e ancestrais, que acontece uma vez por ano, no mês de dezembro, quando os animais são oferecidos pelos habitantes e o ritual é dirigido pelo grande chefe.

### Estratégia de evangelização

Nesses cinco primeiros anos de presença em Bafut, a prioridade foi a evangelização. “Devido à estrutura pastoral na Paróquia, usamos como estratégia a implantação das Comunidades de Base. Com ajuda de benfeitores, distribuimos bíblias nas Comunidades, usando-as comunitariamente para rezar e fazer a partilha da Palavra de Deus e estudo da mesma”. Mas não é só na evangelização que se atua. “Nós padres temos como atividade permanente a administração de cinco escolas elementares, com mais de mil alunos e 27 professores. O analfabetismo ainda é muito alto. O motivo principal é a situação econômica precária. Como tentativa de solução, demos início a um programa de adoção à distância de crianças. Atualmente existem pouco mais de 200 crianças recebendo ajuda econômica.

### Educação é a melhor resposta

A educação é outra prioridade, “porque acreditamos que é a melhor maneira de contribuir para o progresso da sociedade. Está em andamento a construção de uma nova escola e obras de reforma das demais já existentes. Nosso objetivo é de construir outras escolas, pelo fato que muitas crianças não frequentam devido à distância. Muitas delas são obrigadas caminhar três horas pra chegar na escola e outras três horas para o retorno. A construção de novas escolas diminuirá esta dificuldade para terem acesso a educação.

Existem no povo de Bafut vários vilarejos isolados na floresta, tendo como única opção de acesso, caminhos feitos somente a pé. Juntamente com a população, estamos construindo estradas rurais, com objetivo de ligar as comunidades, facilitar a comunicação

e transporte das mercadorias.

Nos a maior alegria e satisfação, é o fato que a população de Bafut, se manifesta contente com nossa presença. Nos dá coragem de prosseguir em frente, constatamos um forte interesse, colaboração e participação do povo de Bafut, nas obras.



Fr. Renato Jess

### Grandes desafios

Permanece como desafio ter força e ânimo de prosseguir em frente com as inúmeras dificuldades, tal como há resistência de alguns, de modo particular das autoridades ao se apresentarem os valores cristãos. “Apresentar Deus Único, onde ainda acreditam em espíritos; apresentar a Eucaristia como único sacrifício oferecido por Jesus uma só vez e por todos, em uma cultura onde ainda se pratica anualmente sacrifícios de animais; apresentar o sacramento do matrimônio monogâmico cristão, onde é muito difundida a poligamia, são alguns dos desafios que enfrentamos”.

Grande ainda o desafio de viver longe da família, da cultura brasileira e da língua portuguesa. “Os brasileiros mais próximos da missão onde estou se encontram a mais de 300 km de distância. Foram poucas as vezes que nos encontramos, nesses cinco anos da minha presença na África. É difícil conexão de internet e o telefone celular permanece como o único modo de manter contato com o Brasil”.

### Vocação um chamado de Deus

Ele conclui: “Acredito que ser missionário não é uma escolha própria e pessoal, e sim um chamado de Deus. Permanece nossa a decisão liberal de aceitar e responder positivamente ao chamado. Se Deus nos chama e envia em missão, certamente dará todo o necessário para o bom andamento e sucesso imediato ou futuro da pessoa enviada, e da missão”.



Alunos de escolas católicas



## Dominicanas socorrem povo do Haiti

Desde 2002, portanto há 11 anos, que Ir. Aparecida de Souza Lopes, goiana de Santa Fé, da Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils, trabalha

junto ao povo haitiano. Primeiro foi na região do Artibonite em pastoral, saúde e educação e agora na diocese de Hinche, na cidade de Thomassique, situada a três horas da capital Porto Príncipe, com população estimada em 75 mil habitantes entre zona rural e urbana. O meio de vida da população é o comércio informal e a agricultura; serviços públicos e áreas de saúde e educação. Não há muitas escolas com ensino médio, logo muitos jovens são obrigados ir a Hinche ou a capital.

A paróquia chama-se Santo Tomás de Aquino, têm quatro capelas, estrada de difícil acesso. Na época de chuva é quase impraticável, só conseguimos ir de moto. Nossa atuação é na área de pastoral, acompanhamos os grupos de jovens, coroinhas, coral Santo Tomás de Aquino e coral Luz de Esperança, pastoral familiar, caritas, sacristãos, acolhida, liturgia, movimento eucarístico de jovens (MEJ), soldados de Cristo (KIWO) nova animação cristã (NAC) jovens da igreja católica (JKLKT). Faz parte de nosso apostolado a visita às famílias, saúde preventiva e curativa (formação de agentes de saúde na zona rural, especialmente parteiras, pois o país tem alto índice de natalidade) e educação alternativa e oficial. Como diz Carlos Mester somos conselheiras do povo, totalmente de Deus, preadoras da Palavra, animadoras nas celebrações,



abençoadas por Deus, ajudamos a manter viva a esperança, a alimentar a fé, a celebrar a vida...

### Missionária em tudo

O sentimento de gratidão por ser enviada em missão Ad Gentes é grande assim como a responsabilidade. Ser cristão é ser missionário onde quer que estejamos! Isso é para mim um ato de fé, esperança e de amor. Devemos nos sentir sempre em missão em nossa família, nosso bairro, nossa cidade, nosso estado, nosso país e no mundo. E nós como consagradas somos seguidoras no discipulado de Cristo, logo a missão é para nós escola de formação permanente, esta convicção me mantém alerta e me causa alegria, pois me sinto eterna hóspede em missão, o universo é nosso território de missão. Não devemos fincar tendas, mas ir e anunciar o Evangelho a toda criatura como nos envia Jesus. Ele está conosco, não há razão para temor. Mesmo assim sinto-me desafiada, por exemplo, pelo receio de ferir, por não respeitar os costumes, como o vodu que é cultural e conta com diversas dimensões não só religiosa, mas também econômica política, filosófica e antropológica. Há uma mentalidade supersticiosa instalada, o que me faz estar sempre alerta para dialogar tentando respeitar o outro, apreciar e estimar seu modo de ser, colaborar para mudanças e partilhar o que somos e temos, dificuldade e eterno desafio!!!!

Tudo isso me remete a meu país de origem, minha família biológica e religiosa, meus amigos e companheiros. Já sofri muita solidão pela dificuldade de comunicação. Onde vivia antes não tinha energia elétrica, telefone, correio, etc, mas agora com, celular, internet e luz elétrica tudo fica mais fácil, as distâncias diminuem e parece que a saudade também. Em datas especiais o coração aperta, mas aguenta!

Nesta região não há outros missionários brasileiros, mas tenho a alegria de comunicar por telefone em português, com o pessoal da Embaixada brasileira na capital e com outros missionários no sul, na capital e no Artibonite.



## Na China, missionário brasileiro reza missa, às escondidas, em restaurante



Pe. Valnei, torcedor doente do Internacional

**Valnei Pedro Reghelin - este é seu nome. Padre comboniano, ordenado em setembro de 1993, dois meses depois, em novembro, já rumava para Hong Kong, para aprender o idioma chinês, o dialeto cantonês, para depois trabalhar em Macau, na China. Já se passaram vinte anos e Reghelin continua firme na evangelização dos chineses, uma missão que considera o projeto de sua vida como sacerdote e missionário. Mas não é fácil: de uma população de 600 mil pessoas em Macau, apenas 2% é cristã. Antiga colônia portuguesa, hoje Macau tem 98% da população chinesa e apenas 2% falam o português. São apenas 28 km quadrados e por isso "vivemos no aperto"-diz o missionário.**

A rotina do Pe. Valnei é muito diversa, no seu dia a dia. "Trabalho em uma paróquia, com um padre diocesano chinês. Todas as atividades na paróquia são em chinês. Graças a Deus, depois de anos de estudos, paciência e investimento, hoje me defendo bem na língua. A prioridade na paróquia é o catecumenato, catequese de jovens e adultos que querem conhecer a religião. É um trabalho muito lindo, nada fácil, mas que vale a pena. Cada ano, na Vigília da Páscoa, alguns são batizados. Este ano, tivemos 26. Além dos trabalhos normais na paróquia, também tenho pastoral carcerária, catequese e acompanhamento".

### Restrição a religiões

A China tem muita restrição com as religiões, mas em Macau é um pouco diferente. "Aqui ainda temos a bênção de ter a liberdade religiosa, portanto sem problemas de desenvolver um trabalho missionário. Mas dentro da China continental, a realidade é outra. Não existe liberdade religiosa, mesmo que o governo diga que sim. Nenhum missionário estrangeiro pode trabalhar

abertamente. Só existem alguns, na área de educação, mas sem poder, abertamente, fazer nada relacionado com a Igreja. Tenho uma comunidade de brasileiros em uma cidade dentro da China. São cerca de três mil imigrantes gaúchos, que trabalham na indústria do couro. Onde eles vivem não tem igreja. Começamos reunir os católicos nas casas, mas a comunidade cresce. A cada três meses, celebramos a Missa, escondidos do povo local: alugamos um restaurante e lá celebramos. Não podemos deixar que a polícia saiba, pois, acabariam por cortar meu visto de entrada e criar problemas para os que vivem lá. Mesmo assim, as celebrações são momentos lindos. Tem catequese nas casas, grupos de famílias, mesmo sendo só brasileiros participando. O governo não permite, por isto celebramos às escondidas. No restaurante, quando rezamos, cobrimos todas as janelas com panos, não para decorar... mas para evitar que pessoas de fora vejam nossa celebração! É uma forma diferente de viver a fé onde o governo controla a Igreja.

### Chamado de Deus

Porque ser missionário? "Foi um chamado de Deus. Desde pequeno, lá em Horizontina, no Rio Grande do Sul, queria ser padre e missionário. Foi o testemunho dado por um frei franciscano que me chamou a atenção. Sempre sonhava em ir para a África, mas Deus tinha planos diferentes. No dia que recebi a proposta para a China, foi um choque grande, mas positivo: lembro que falei: se é para a missão... vou. Estou há quase 20 anos aqui e não arrependo.

Vivo fora do Brasil há muitos anos. Antes de vir para cá, fiz a teologia em Chicago nos EUA. O missionário sempre leva no coração suas raízes: meu povo e família (em janeiro celebrei os 60 anos de casamento de meus pais, uma bênção! Eles são grandes missionários comigo!) Sempre tenho contato com minha diocese de origem, mas o missionário não tem mais pátria. Quando volto para o Brasil, digo que me sinto estrangeiro. Um dia alguém falou: o missionário nunca mais volta para "casa". As pessoas mudam, o mundo muda, e voltamos transformados pelo que vivemos na missão. Aqui, no momento, de padre brasileiro só tem eu, e que fala chinês cantonês. Tem ainda duas irmãs franciscanas que trabalham com a comunidade portuguesa".

Este ano, na Páscoa foram batizados 26 chineses



## Macapa envia primeira leiga para a África

Elza Maria dos Santos Trindade é a primeira leiga da Diocese de Macapá enviada como Missionária para a Diocese de Lichinga, Moçambique (África). Ela faz parte do Projeto Além- Fronteiras entre os Regionais da CNBB 4 e 5 e a diocese. Sua cidade natal é Laranjal do Jari, no sudoeste do estado do Amapá e tem 51 anos de idade. Eis sua entrevista:

**O que, ou quem, te ajudou a despertar para a Missão Além-fronteiras?**

Elza - O despertar da vocação missionária além-fronteiras se deu no período em que estava engajada nas CEBs da minha paróquia, especialmente nas visitas missionárias às comunidades do interior, acompanhando os padres. Também a leitura das revistas missionárias como Mundo e Missão e Missão Jovem, os jornais, os testemunhos dos DVDs das Campanhas Missionárias produzidos pelas POM, mas, sem dúvida, para mim foi determinante a convivência com os padres missionários estrangeiros. Quem me ajudou particularmente a encontrar meu caminho foi o Pe. Daniel Curnis, do Pontifício Instituto das Missões-PIME para quem tenho uma gratidão e carinho especial.

**Que tipo de formação recebeu como preparação imediata à missão no Moçambique?**

Elza - Nos últimos seis meses participei de dois cursos de formação específicos para missionárias e missionários brasileiros que vão além-fronteiras. O primeiro, com a duração de um mês, foi organizado pelo Centro Cultural Missionário em Brasília. O outro, também com a mesma duração, foi organizado pelo Projeto Missionário Além-fronteiras entre os Regionais da CNBB-Nordeste 4 e 5 (que ultimamente inclui a participação do Regional



Elza

da CNBB- Norte 2) e a Diocese de Lichinga, Moçambique (África) e foi realizado na Diocese de Bacabal (MA).

**O que você espera desta experiência missionária e que tipo de atividade irá desenvolver na África?**

Elza - Em primeiro lugar quero conhecer a nova realidade na qual estarei inserida e reconhecer, desde logo, as "sementes" do Evangelho de Jesus, já presentes no meio do povo. Depois quero partilhar a minha experiência de fé: a grande riqueza que recebemos da nossa Igreja de origem, com muito respeito da realidade cultural que encontrarei na África. Não pretendo ir "fazer coisas" mas aproveitar de todas as oportunidades oferecidas para oferecer meu testemunho de vida na atividade pastoral.

**Mensagem para a nossa juventude?**

Elza - Neste ano especial dedicado à Juventude quero afirmar: vocês jovens têm todos os requisitos para se lançarem nessa aventura maravilhosa que é acolher e continuar a missão que Jesus nos deixou; vocês são o presente de Deus para o hoje e o amanhã da nossa história! Não se deixem levar pelas ilusões oferecidas por tanta propaganda vazia do mundo tecnológico e comercial. Não deixem que essas coisas atrapalhem a beleza e a força que vocês têm para melhorar este mundo, pelo contrário, aproveitem estes dons recebidos para fazer de sua vida um dom de Deus no serviço a Ele e aos irmãos e irmãs ( jornal diocese)

## Missionário Arilson é ordenado em Óbidos, Amazonas



No dia 13 de abril tivemos a alegria de vivenciar a ordenação do Pe. Arilson em nossa Paróquia. Com a presença dos sacerdotes do Verbo Divino e de uma grande multidão de fiéis de nossa paróquia, das cidades vizinhas e do sul do país (comunidades onde o Pe. Arilson trabalhou e viveu no tempo de formação). O bispo ordenante, dom Martinho (bispo emérito da Diocese de Óbidos) con-

duziu a cerimônia de maneira solene e com toda a dignidade.

Após a cerimônia foi oferecido um coquetel e um jantar, ao lado da casa dos frades. Foi um momento de muita alegria para todos e sobretudo para o ordenado. Pe. Arilson é o segundo padre da Comunidade do Pariçó. Ele servirá a Diocese de Óbidos, na Paróquia Santo Antônio de Oriximiná.



## Lixeira de Luanda, onde o evangelho é vivido à risca

Recebemos uma carta, testemunhando o trabalho valente das irmãs de Jesus na Eucaristia. Estão localizadas na periferia de Luanda, a capital da Angola, num bairro chamado Lixeira que era o antigo depósito de lixo da cidade. Eis o forte testemunho de duas religiosas que seguem à risca o “Dai-lhe vós mesmos de comer” (Mc 6.30-44)”

“Nós, Irmãs de Jesus na Eucaristia estamos no Continente Mãe da Humanidade, concretamente em solo angolano, na Capital Luanda, compondo uma comunidade intercongregacional, com as Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora.

Inicialmente, em dezembro de 2010, chegou um membro da Congregação, a Irmã Aurora Côgo. Em março de 2013, veio a Irmã Joelma Damasceno de Santana. A primeira trabalha na Educação e a segunda na área da Saúde.

Servimos num dos musseques (periferia) onde estão amontoados milhares de irmãos fugitivos da guerra nas províncias. Aglomerando-se, na região nomeada de Lixeira, por ter sido depósito de lixo da antiga cidade, este povo continua, esquecido das políticas públicas.

O pouco de estrutura física destinada a reunir as pessoas para as celebrações, catequese, educação, creches, postos de saúde, casas para abrigarem as crianças perdidas e órfãs, são todos vinculadas à Igreja Católica, pela Congregação dos padres salesianos.

Eis o nosso carisma : manifestar ao mundo a compaixão do Pai Providente! Sentimos atualizando-o, no mandato de Jesus em Mc, 6,30-44;. “Dai-lhes vós mesmos (as) de comer”. Isto se dá, diariamente, no simples estar com as pessoas, através do toque, de um sorriso, de um cumprimento, do pequeno gesto. Em primeiro lugar vem as crianças, que em grande número encontramos nas beiras dos esgotos,



Uma pausa para eternizar este momento



Entusiasmo com eleição de Francisco



Crianças com Ir. Joelma

dos lixos acumulados, e que com muita ternura nos olhos, disputam a nossa atenção. Em seguida, vemos o grande número de jovens, que se encontram desempregados, as mães zungueiras (vendedoras ambulantes), que saem de madrugada com seus bebês amarrados às costas e banheiras (bacias) enormes na cabeça, com as mercadorias; os deficientes físicos e mentais pelas ruas; senhores com semblantes sofridos, que sentem em nós, que cruzamos os seus caminhos, que Deus de novo visita o seu Povo. (cf. Lc, 7,16).

Somos desafiadas pelo clima quente - úmido sempre em torno dos 32 e 34 graus; com as doenças (paludismo, febre tifóide, tuberculose, HIV-SIDA), que ainda matam muitos; as demandas intermináveis pelos nossos cuidados, somando-se à falta de recursos, nos levam a ver ao vivo, acontecendo, o milagre dos cinco pães e dois peixes.

Sentimos confirmar nesses rostos sofridos, aqui e agora, que a África é um eterno território de missão e o nosso pouco, faz a diferença na vida dessas pessoas, como cada pequena gota, contribui no imenso oceano”.  
Irs. Aurora e Joelma (IJE)

## Comunidades de Base florescem na República Dominicana

Os 19 anos na República Dominicana não foram suficientes para que a Ir. Cecília Mensor, de Taió - Santa Catarina, perdesse o ânimo e o ardor missionário. Ao contrário, “o mundo não tem fronteiras. A gente deve estar onde Deus nos enviar”. Atualmente Ir. Cecília está descansando no Brasil e fazendo um curso de liderança, de Profolider, promovido pela CRB, na sede do Centro Cultural Missionário, em Brasília.



### As irmãs catequistas em dia de festa

A trajetória de Ir. Cecília começou aos 12 anos, quando surgiu a vocação para a vida religiosa. Depois de tanto insistir, a Congregação das Catequistas Franciscanas aceitou o pedido. Aos 23 anos tornou-se religiosa. Então começaram as experiências. Foi professora, estudava à noite e formou-se em Serviço Social. Trabalhou na catequese paroquial e um ano como missionária no Maranhão. Depois, ofereceu-se para trabalhar em algum país missionário e a “escolha feita por Deus” foi a República Dominicana, um país situado numa ilha que limita-se com o Haiti. Ali começou como missionária, em 1993. Acompanhada de outras duas irmãs brasileiras, respondeu ao chamado da Congregação das Catequistas Franciscanas e foi trabalhar na comunidade San Cristobal, a 30 minutos da Capital. A região é muito montanhosa, com grandes acidentes geográficos que impedem a população de trabalhar na roça, com alguma tecnologia mais avançada como o trator. A solução é o uso do facão e da enxada.

### Povo pobre e sofrido

A escolha da comunidade foi junto à paróquia para atendimento de 22 comunidades. Trabalhamos em meio a um povo pobre e sofrido, que não tem emprego e casa e ali nossa ação evangélica se resumiu na organização de trabalhadores rurais, na organização da mulher trabalhadora, nas comunidades de base e na formação das lideranças locais. Esse foi o nosso objetivo: formar uma consciência na comunidade, englobando trabalho, ecologia, conservação de fontes de águas e atendendo a população com remédios alternativos feitos pelas próprias mulheres como chás e unguentos. Em meio a todo este trabalho, o estudo e a meditação da bíblia sagrada que era o sustento espiritual de todos”. Entre outras atividades, as irmãs ensinaram o plantio de hortas caseiras e de ervas medicinais como alternativa de saúde para todos.

Toda esta atividade nunca contou com o poder público, mas sim com a solidariedade do povo, que primeiramente ajudou no aluguel de uma casinha de três cômodos e depois as irmãs receberam como doação um terreno onde foi construída uma casa de alvenaria pelo povo, incluindo uma sala de aula. Para o transporte às comunidades, as irmãs utilizavam

moto, cavalo e na carroceria de caminhão. As estradas eram muito ruins e muito se caminhou a pé para a visitas às famílias. Diz Ir. Cecília que foi um trabalho realmente evangelizador, pois “preferimos morar junto ao povo e renunciar à comodidade de um local melhor, oferecido pelo bispo diocesano”.

A vida na missão foi muito difícil, principalmente depois que uma colega da Ir. Cecília foi assassinada na rua. “Estávamos caminhando pela rua da comunidade e de repente fomos assaltadas e minha colega a Ir. Hedwiges Rossi, catarinense de Presidente Getúlio, com 60 anos, foi ferida mortalmente por uma bala. O caso ganhou notoriedade na imprensa do país, mas “o sangue dos mártires é semente de novos cristãos”. Isto nos deu um maior alento ao trabalho e a repercussão junto ao povo foi positiva ou seja, uma maior confiança no trabalho que se fazia.

Ressalta Ir. Cecília que o povo da República Dominicana é muito receptivo, alegre e festivo. “Recebemos muitos haitianos, um país na mesma ilha. São povos que sofrem muito, mas o povo simples é muito trabalhador e corajoso. O país é terra de missão e para lá vão irmãs e padres brasileiros, como as bernardinhas, as escalabrianas, as dominicanas e os capuchinhos.

Depois de muito anos, a Congregação abriu casa em um arrabalde da Capital Santo Domingo. É uma casa de formação onde tem noviças dominicanas e a congregação já possui algumas vocações. Atualmente trabalham lá a Ir. Maria Fachini, Ir. Gracya Viel e Ir. Filomena Bonas, além de irmãs de outras congregações.



Ir. Cecília atravessando uma pinguela